



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

O Mandato Cultural na Teologia da Criação: fé, compromisso e ação

The Cultural Mandate in the Theology of Creation: faith, commitment and action

Rodomar Ricardo Ramlow*

Doutorando em Teologia (EST)
Bolsista Capes

Resumo

É possível avançar do debate teológico para uma vivência prática da fé na esfera pública. E, para isso, o cristianismo pode buscar um fundamento que está nas origens de sua fé. Na perspectiva ecológica, a teologia da criação permite falar de um Mandato Cultural de Deus. A partir de pesquisa bibliográfica, baseada nos capítulos iniciais do livro de Gênesis, procuramos resgatar o conceito de Mandato Cultural a fim de contribuir para uma conscientização planetária. Considerando a influência do dualismo grego, voltar-se à tradição hebraica significa assumir o desafio de uma compreensão integral da realidade. Os cristãos brasileiros podem dar passos concretos na compreensão de que todos são responsáveis pela criação de Deus. A intervenção humana na realidade pressupõe responsabilidade e cuidado. Há incoerência entre os ensinamentos do livro sagrado dos cristãos e a prática dos fieis no dia a dia quanto à relação humana com o mundo criado, revelando desafios para a teologia.

Palavras-chave

Ecoteologia. Mandato Cultural. Teologia Pública. Criação. Dualismo.

Abstract

One can advance from the theological debate to a practical experience of faith in the public sphere. And, to do so, Christianity may seek a foundation which is at the origin of their faith. In the ecological perspective, the theology of creation enables talking about a Cultural Mandate of God. From literature, based on the early chapters of Genesis, we seek to rescue the concept of Cultural Mandate in order to contribute to a global awareness. Considering the influence of Greek dualism, turning to the Hebrew tradition means taking on the challenge of a full understanding of reality. Brazilian Christians can take concrete steps on the understanding that all are responsible for the creation of God. Human intervention actually presupposes responsibility and care. There is inconsistency between the teachings of the Holy book of the Christians and the faithful practice of the day to day concerning the human relationship with the created world, revealing challenges to theology.

* Doutorando em Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior em Teologia-EST. Integrante do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino Americana. Bolsista CAPES. Contato: rodomar.ramlow@gmail.com

Keywords

Ecotheology. Cultural Mandate. Public Theology. Creation. Dualism.

Considerações Iniciais

Em sua obra *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo* - onde trata dos desafios de ser um cristão contemporâneo -, o teólogo e expositor bíblico John Stott trás uma interessante provocação:

O Deus que muitos de nós adoramos é religioso demais. Aparentemente, nós achamos que ele só se interessa por livros, edifícios e cerimônias religiosas. Mas não é bem assim. Ele se preocupa *conosco*, nosso lar, nossa família e amigos, nosso trabalho e lazer, nossa cidadania e comunidade. Assim a soberania de Deus estende-se a *ambos* os lados e a *todas* as áreas da nossa vida. Nós não devemos marginalizar Deus, ou tentar espreme-lo para fora da nossa vida não religiosa¹.

Aquilo que chamaremos neste trabalho de *Mandato Cultural* não é uma novidade na teologia, pois é relativamente comum na tradição reformada². Se não é frequente nos trabalhos e publicações mais populares, isso pode ser o reflexo (ou contribui para a causa?) de uma compreensão dualista da vida. Um dualismo que tem sua origem na filosofia grega e que influencia a teologia de modo que faz parecer que a matéria (natureza, corpo, cultura) não interessa a Deus. Conseqüentemente, não deveria interessar também aos cristãos. Logo, se aceita muito facilmente viver uma religiosidade intimista, privada, restrita ao templo e seus programas. Afinal, o que interessa é o céu, as coisas da alma, o espírito. Mas, o que faz com que a igreja e tantos cristãos assumam esta dicotomia?

A Privatização da Fé

A ênfase no chamado *Mandato Missionário* ou *Evangelístico* assumido pela igreja, somado a influencia do dualismo neoplatônico, que separa espírito e matéria, tem gerado uma práxis da salvação de almas. E, assim, especialmente o último século, tem presenciado o crescimento de um cristianismo alienado da realidade social, política e econômica. A fé se encerra no âmbito privado e nada tem a dizer para dentro do mundo à sua volta. Uma crença intimista e vertical tem tomado as igrejas que, cada vez mais, se afastam da arena pública. E, quando ainda há algum tipo de envolvimento, como no caso

¹ STOTT, John. *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo*: como ser um cristão contemporâneo. 2 ed. São Paulo: ABU, 1998. p. 156.

² Podendo aparecer também como *Mandato da Criação*.

político, este é apenas para fins corporativistas. Como lembra bem Júlio Zabatiero, nós cristãos “também somos clientelistas, privatistas, patrimonialistas”³.

Diversos autores tem chamado a atenção sobre a influência do dualismo grego sobre a igreja e a teologia. O filósofo do neocalvinismo holandês, Herman Dooyeweerd, argumenta que "a visão teológica tradicional do homem" que é encontrada nos trabalhos dogmáticos católico-romanos e protestantes é muito mais de origem grega do que bíblica. Enquanto as Escrituras apontam o coração como o centro religioso da existência humana e, portanto, "a raiz espiritual de todas as manifestações temporais de nossas vidas"⁴, a filosofia grega buscou o centro da existência na razão. Uma imagem construída à parte do tema central da palavra-revelação: criação, queda e redenção.

A grande influência da filosofia grega sobre a teologia teria iniciado já nos primeiros séculos da igreja e encontrou em Agostinho o seu maior adepto. No pensamento platônico existe um dualismo que compreende as formas como os ideais imutáveis e a matéria como o mundo instável e mutável. Ou seja, neste dualismo haveria o mundo ideal e superior onde prevalece a forma, o bem, o céu e também a alma, o eterno e o espiritual. No mundo inferior da matéria estaria a terra, o corpo, o material, o temporal, enfim, o mal⁵.

É com Tomás de Aquino e a escolástica que o tema natureza e graça conduz “a teologia à divisão da vida humana em duas esferas, a natural e a sobrenatural”⁶. Nesta esfera natural estaria a natureza humana capaz de encontrar o seu centro na razão natural. Uma razão natural, como explica Dooyeweerd, que é "capaz de adquirir um *insight* correto com relação à natureza humana e a todas aquelas assim chamadas ‘verdades naturais’, à parte de qualquer relação divina, unicamente por sua luz natural". A revelação bíblica, no entanto, mostra que a natureza racional também foi criada por Deus, e que, conseqüentemente, foi também afetada pelos efeitos do pecado. Em sua dogmática o teólogo holandês Herman Bavinck interpreta que a queda e o pecado em si corrompem não só os desejos e a vontade, mas, também, a mente⁷.

Como consequência desse dualismo, a filosofia e demais disciplinas acadêmicas passam a ser desenvolvidas por esta perspectiva dualista gerando o secularismo. O “pensar” e o fazer ciência estão no âmbito da razão independente e autônoma. Logo, Deus é desnecessário, e foi apenas uma questão de tempo até que o secularismo dominasse a academia. A igreja, por sua vez, não se empenhou em defender a cosmovisão judaico-

³ ZABATIERO, Júlio. *Para Uma Teologia Pública*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012. p. 19.

⁴ DOOYEWEERD, Herman. *No Crepúsculo do Pensamento: estudos sobre a pretensa autonomia da razão*. São Paulo: Hagnos, 2010. p. 255.

⁵ WALSH, Brian J. e MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 94.

⁶ DOOYEWEERD, 2010, p. 262.

⁷ BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática: Os Fundamentos da Fé Cristã*. São Paulo: SOCEP, 2001. p. 261.

cristã, mas retirou-se de tudo o que considerava “secular” para um lugar restrito chamado “sagrado”⁸. A ciência se desenvolveu sem considerar a hipótese de Deus. Os cristãos perderam a capacidade de interagir com a realidade e aceitaram a privatização de sua fé. Logo, a vida estava dividida entre o sagrado e o secular⁹. Essa cosmovisão dualista dividiria natureza e cultura, corpo e alma, gerando diversos problemas éticos como Zabatiero aponta, tornando necessário “renovar a nossa teologia da criação”¹⁰. Registramos ainda que outro autor que procura destacar a importância do Antigo Testamento para resgatar uma compreensão integral da relação corpo e alma é Wanderley Rosa, em seu trabalho publicado sob o título *O Dualismo na Teologia Cristã* onde ele analisa a concepção antropológica grega e sua influência desde o início com Platão, até o pentecostalismo e o neopentecostalismo de nossos dias¹¹. Enfim, com uma visão dicotômica da realidade, os cristãos tem demonstrado uma atitude passiva diante da natureza ou desenvolvido com ela uma relação meramente instrumental. No entanto, se no geral os mitos não reconhecem a responsabilidade humana para com a história, não é este o caso da narrativa cristã.

O Mandato Cultural em Genesis 1 e 2

Os dois primeiros capítulos de Genesis ajudam a elucidar o que se tem compreendido por *Mandato Cultural*. Este conceito foi sendo trabalhado na tradição protestante que resgatou a ideia de que Deus é soberano sobre todas as coisas e de que o trabalho dos seres humanos deve glorificar a Deus em todas as esferas da vida. A crença num Deus criador implica em responsabilidade humana para com esta criação. E, estas responsabilidades estão explicitadas especialmente nos relatos de Gênesis 1. 26-30 e 2. 15-20. Estes textos que compreendem a criação do ser humano revelam também aquilo que se espera destas criaturas feitas à imagem e semelhança do seu criador. Analisemos os versículos e os termos envolvidos mais detalhadamente:

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que

⁸ MILLER, Darrow L. *Discipulando Nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: FatoÉ Publicações e Harvest Brasil, 2003. p. 44.

⁹ O tema do dualismo grego na teologia foi assunto em RAMLOW, Rodomar Ricardo; SCHAPER, Valério Guilherme. *O neocalvinismo holandês e o movimento de cosmovisão cristã*. São Leopoldo, RS, 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012. p. 37-44.

¹⁰ ZABATIERO, 2012, p. 83.

¹¹ ROSA, Wanderley. *O Dualismo na Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou¹².

O verbo que denota ação neste texto é *dominar*. Deus criou os seres humanos e o colocou para dominar sobre a sua criação. Outras versões dizem "que ele reine..."¹³. E, no verso seguinte lê-se que Deus os abençoou, e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gênesis 1:28).

Aqui, encontramos além da ordem para se multiplicar, os verbos *subjugar* e *dominar* (outras versões dizem *submeter*). E, na sequência,

Disse Deus: "Eis que lhes dou todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês. E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão". E assim foi¹⁴.

Portanto, Deus entrega (*Eis que lhes dou...*) todas as coisas aos seres humanos confiando a estes a ação de dominar e subjugar (reinar, submeter, sujeitar). É verdade que para os ouvidos modernos palavras como *dominar* e *sujeitar* ou *subjugar* remete muito mais a aspectos negativos do que positivos. A história humana, com toda sua perversidade onde uns tentaram dominar outros bem como a atual crise ambiental, podem levar alguns a culpar o cristianismo, repudiando, assim, tais relatos¹⁵. No entanto, será que é de acordo com estes significados negativos modernos que deveríamos interpretar estes versos da Bíblia hoje? Alguns autores nos lembram de que estamos falando sobre uma era anterior à Queda relatado em Gênesis 3¹⁶. São, portanto, palavras ditas para pessoas sem pecado e que ainda não tinham conhecimento das crueldades e os banhos de sangue na história da humanidade.

Por isso, é importante considerarmos o relato do capítulo seguinte de Gênesis: "O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo"¹⁷. Temos aqui palavras mais agradáveis aos ouvidos de hoje: cuidar e cultivar. Eis a responsabilidade do ser humano sobre a boa criação de Deus. Considerando que ainda

¹² Gênesis 1. 26-27. Nova Versão Internacional da Bíblia Online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso: 20 nov. 2013.

¹³ Versão Católica da Bíblia Online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso: 20 nov. 2013.

¹⁴ Gênesis 1. 29-30. Nova Versão Internacional da Bíblia Online.

¹⁵ O Filósofo e teólogo Francis Schaeffer já chamava a atenção para isso em sua obra da década de 1970: *Poluição e Morte do Homem*: a resposta cristã à depressão humana do jardim de Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 13.

¹⁶ VAN DYKE, Fred; MAHAN, David C.; SELDON, Joseph K.; BRAND, Raymond H. *A Criação Redimida*: a base bíblica para a mordomia ecológica. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 115.

¹⁷ Gênesis 2. 15. Nova Versão Internacional da Bíblia Online.

estamos nos referindo ao relato anterior à queda, esta não era uma tarefa desagradável, enfadonha e cansativa. Portanto, as interpretações populares que geralmente associam o trabalho como um castigo pelo pecado de Adão e Eva também não se sustentam. Se a ordem de Deus era para que desde o princípio os seres humanos dominassem, subjugassem, cuidassem e cultivassem a criação, esta não poderia ser uma tarefa possível sem o envolvimento direto que configura trabalho para os seres humanos. Nas palavras de Rojas, o Jardim é este “mundo no qual Deus nos colocou para cultivá-lo”. E, é desta ideia de *cultivar* o Jardim que “surge o conceito de *cultura*; tudo o que o ser humano cultiva (ou transforma) por meio de seu trabalho e de sua atuação no mundo, se converte em cultura”¹⁸. Tal responsabilidade pressupõe a participação ativa do ser humano no desenvolvimento cultural do mundo. Na sequência, o relato bíblico explicita aquela que deve ter sido a primeira tarefa de Adão:

Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome. Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens¹⁹.

Deus chama o ser humano como um cooperador na tarefa de colocar ordem na sua Criação. Não que Deus precisasse disso, mas, ele o faz por amor²⁰. Portanto, o padrão para compreendermos as palavras envolvidas no Mandato Cultural é o próprio Deus e sua avaliação da Criação em Gênesis 1:31: “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom”. Nas palavras de Charles Colson, “até o sexto dia, Deus fez todo o trabalho da Criação diretamente. Mas, agora cria os primeiros seres humanos e os ordena a levar adiante de onde deixou”²¹. E, conforme Albert Wolters, cabe ao ser humano o desenvolvimento social e cultural em natureza, a tarefa da civilização²². Ou, como colocado por Rojas, “pode-se dizer que toda ocupação humana participa de alguma maneira deste cultivar e guardar”²³, conforme relato de Gênesis 2. 15.

A responsabilidade de trabalhar o jardim cabe aos seres humanos. Zabatiero refere-se a esta tarefa como “a vocação divina da humanidade”²⁴. Brian J. Walsh e J. Richard Middleton também chamam atenção para a relação entre as palavras *cultivar* e *cultura*. Se “cultura é o resultado de cultivo”, então, estamos falando de nossas interações

¹⁸ ROJAS, Emmanuel Flores. Sobre as vocações em João Calvino (Cultivo, Cultura, Culto). *Tempo e Presença Digital*. JOÃO CALVINO: 500 ANOS! Ano 4 - n. 17, out. de 2009. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=336&cod_boletim=18&tipo=Artigo>. Acesso: 23 nov. 2013.

¹⁹ Gênesis 2. 19-20. Nova Versão Internacional da Bíblia Online.

²⁰ VAN DYKE; MAHAN; SELDON & BRAND. 1999, p. 117.

²¹ COLSON, Charles & PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Viveremos?*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 351.

²² WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 53.

²³ ROJAS, 2009.

²⁴ ZABATIERO, 2012, p. 83.

com o mundo²⁵. Desta intervenção humana no mundo e na realidade é gerado algum tipo de desenvolvimento. Logo, temos uma relação entre a cultura e a história. O que não significa que defendemos aqui uma interpretação ingênua de que a humanidade desenvolve cultura num histórico e de contínuo “progresso”. Lembremos novamente que estamos buscando compreender o mandato Cultural e, para isso, resgatando aquilo que se esperava do ser humano desde o princípio, antes mesmo do relato da Queda em Gênesis 3. Somente por isso podemos manter uma perspectiva realista e não romantizada da vida.

Os Desafios de Uma Teologia da Criação

Uma fé sólida e embasada na tradição judaico-cristã inevitavelmente levará (ou, pelo menos deveria) ao comprometimento ético do ser humano com o cuidado para com a Criação de Deus. Questões ambientais e de justiça social, portanto, são, sim, assuntos que devem estar na agenda dos cristãos que levam a sua fé e o seu Deus a sério. Como Schaeffer dizia, “homens *fazem o que pensam*”²⁶. Logo, é fundamental que os cristãos resgatem os relatos da Criação numa compreensão clara que os comprometa. Ferreira e Myatt destacam a ampla responsabilidade humana a partir do Mandato Cultural:

Deus ordenou ao homem que cuidasse da criação e desfrutasse com o seu próximo. E a partir do mandato cultural, a política, o trabalho, a educação, as artes, o lazer, a tecnologia, a indústria e todas as outras áreas se desenvolveriam, pois é esse mandado que oferece a justificativa para o envolvimento do homem em todas as áreas²⁷.

Este é um aspecto fundamental na responsabilidade de nossas ações. Pois, “somos chamados a participar na obra criacional de Deus que está em progresso, para sermos ajudadores de Deus na execução do projeto da sua obra-prima”²⁸. Assim, mais do que o engajamento de cristãos no debate público, devemos encontrar meios de ensinar a igreja e os fiéis sobre a cosmovisão cristã que os compromete como cidadãos no mundo em que vivem.

O anúncio do Evangelho precisa incluir a compreensão mais ampla. Se houve a necessidade de um redentor, há que se perguntar pelos motivos e pelo objeto desta redenção. A Queda relatada em Genesis 3 não parece indicar apenas uma rebeldia que separa o ser humano de Deus. As consequências são mais abrangentes. Uma leitura atenta revela uma verdadeira lista de consequências negativas que acabam por quebrar a harmonia da criação de Deus: sofrimento na gravidez; dominação de homens sobre as mulheres; a terra amaldiçoada; sofrimento dos seres humanos para conseguirem o seu

²⁵ WALSH & MIDDLETON, 2010, p. 50.

²⁶ SHAEFFER, 2003, p. 14.

²⁷ FERREIRA, Franklin & MYATT Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 406.

²⁸ WOLTERS, 2006, p. 55.

sustento; as dificuldades no trabalho; sentimento de culpa e vergonha da parte dos seres humanos. E, tudo isso se confirma nos relatos bíblicos posteriores. Não é mais possível tomar o pecado como “um ato isolado de desobediência, mas um acontecimento de significado catastrófico para a criação como um todo”²⁹. E estas consequências podem ser vistas e ouvidas por toda parte através do grito dos excluídos, marginalizados e vítimas da injustiça social.

As consequências da Queda, portanto, podem ser identificados nas mais diversas esferas na sociedade e na cultura em geral. E, como diversos autores assinalam, o pecado não implica somente na separação do ser humano do seu Deus. Isto pode ter sido o princípio, mas, as consequências vão além. Desde a Queda o ser humano como pessoa está separado de si mesmo, uma divisão psicológica. As pessoas estão também separadas entre si, configurando uma separação sociológica. E, esta mesma separação também ocorre entre os seres humanos e a natureza³⁰. Consequentemente, a redenção em Jesus Cristo também trás implicações para todas estas esferas. A Queda, porém, não exime os seres humanos de suas responsabilidades dadas por Deus na Criação. Mesmo após Genesis 3 continuamos a dominar, nos multiplicar, cultivar e cuidar. A diferença é que esta cultura, fruto da intervenção humana no mundo, traz agora também as marcas e as consequências da Queda. Os seres humanos passaram a imprimir uma direção que reflete a sua rebeldia em toda ordem criada.

O avanço humano na cultura e na sociedade é algo positivo. Esta "ordem divina para que o homem explore de forma criativa e responsável os recursos da criação"³¹ só é devidamente compreendida no resgate do relato da criação em Gênesis. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e recebe a ordem para desenvolver a cultura. A autora Nancy Pearcey, referindo-se especialmente à passagem de Genesis 1. 28, explica que

A primeira frase — "Frutificai, e multiplicai-vos" — significa desenvolver o mundo social: formar famílias, igrejas, escolas, cidades, governos, leis. A segunda frase — "enchei a terra, e sujeitai-a" — significa subordinar o mundo *natural*: fazer colheitas, construir pontes, projetar computadores, compor músicas. Esta passagem é chamada de o mandato cultural, porque nos fala que nosso propósito original era criar culturas, construir civilizações — nada mais³².

²⁹ WOLTERS, 2006, p. 63.

³⁰ SHAEFFER, 2003, p. 46.

³¹ CARVALHO, Guilherme de. O senhorio de Cristo e a missão da Igreja na cultura: a ideia de soberania e sua aplicação. In: RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel e AMORIM, Rodolfo. *Fé Cristã e Cultura Contemporânea*: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 65 e 66.

³² PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta*: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 51.

Esta é uma compreensão especialmente importante e capaz de abrir a visão da igreja que, geralmente, tem compreendido o cristianismo apenas como "uma experiência pessoal, aplicável somente à vida privada da pessoa"³³. Pois, „Embora tudo o que Deus criou tenha sido considerado "muito bom", a tarefa de explorar e desenvolver os poderes e potenciais da Criação, a tarefa de construir uma civilização, Ele atribui aos portadores de sua imagem"³⁴.

Logo, uma visão integral da vida e da responsabilidade humana frente à natureza implica em resgatar também a visão integral da narrativa cristã. Significa tomar o próprio texto bíblico na sua integralidade, superando a tentação de buscar nas Escrituras apenas palavras de conforto e motivação numa leitura meramente devocional. Muito mais do que palavras intimistas a alimentar uma religiosidade individualista, a narrativa cristã compromete e implica em responsabilidade daqueles que creem que Deus criou todas as coisas e que, igualmente, está redimindo todas as coisas. Evocando novamente John Stott,

Toda a nossa vida, tanto anterior à conversão como fora da religião, pertence a Deus e faz parte do seu chamado. Nós não devemos pensar que Deus só passou a se interessar por nós depois que nos convertemos, ou que agora ele só está interessado no cantinho religioso das nossas vidas³⁵.

Considerações Finais

O ser humano redimido continua com as suas responsabilidades diante da criação. Todos contribuem com o desenvolvimento cultural. Cada indivíduo imprime uma direção à realidade e os recursos que tem diante de si de acordo com a sua vocação ou necessidade. Na perspectiva da fé cristã, o desafio para o cristão consiste em trabalhar na restauração de toda criação de Deus, uma vez que esta - toda ela - sofre as consequências da Queda. Há, portanto, esta dimensão pública da fé, uma vez que os cristãos são chamados a viver sob a nova perspectiva da redenção até a restauração de toda a criação de Deus. E, como enfatizam Colson e Pearcey, "essa meta redentora penetra em tudo que fazemos, pois não há nenhuma linha divisória invisível entre o sagrado e o secular"³⁶. A redenção, portanto, conclui Pearcey, "não é somente ser salvo *do* pecado, mas também ser salvo *para* algo – retomar a tarefa para a qual fomos originalmente criados"³⁷, numa alusão explícita a Genesis 1 e 2.

Assim - como o holandês Abraham Kuyper já expunha -, Cristo não é somente Mediador da *redenção*, mas também da *Criação*. Uma ideia evidenciada também no

³³ COLSON & PEARCEY, 2000, p. 350.

³⁴ COLSON & PEARCEY, 2000. p. 351.

³⁵ STOTT, 1998, p. 155.

³⁶ COLSON & PEARCEY, 2000, p. 353.

³⁷ PEARCEY, 2006. p. 51.

Evangelho de João³⁸. Cristo teria morrido, portanto, não apenas pelos pecadores, mas também por um mundo perdido - poderíamos dizer cosmos ou criação. O trabalho que os seres humanos precisam realizar, portanto, não é uma mera punição que recebem como um castigo pelo pecado, mas uma tarefa já prevista por Deus desde a Criação onde tudo era muito bom. O trabalho assumido como meio de desenvolvimento cultural. Este mandato é instituído já na Criação pelo próprio Criador.

A pregação e o ensino da igreja cristã podem contribuir na propagação de um evangelho que desperta consciências para a responsabilidade ecológica. Isso acontece na medida em que se regata a cosmovisão cristã em sua integralidade. O Deus que se encarna pela redenção de todas as coisas não é outro senão aquele que criou todas as coisas.

Se, como nos lembrou Stott, Deus não se interessa por uma vida religiosa separada da realidade humana em seu dia a dia, os ensinamentos do neocalvinista holandês Abraham Kuyper também já assim o fazia no século XIX:

Se Deus é Soberano, então seu senhorio deve permanecer sobre toda a vida e não pode ser trancada dentro das paredes da igreja ou dos círculos cristãos. O mundo não cristão não foi entregue a Satanás ou à humanidade caída ou ao acaso. A soberania de Deus é grandiosa e domina também em reinos não batizados, portanto nem o trabalho de Cristo no mundo, nem o filho de Deus pode ser arrancado para fora da vida. Se o seu Deus trabalha no mundo, então você deve colocar a mão no arado para que lá também o nome do Senhor seja glorificado³⁹.

E, assim, sem a pretensão de dar o assunto por encerrado, fica o desafio para que a comunidade cristã assuma a sua responsabilidade para com a boa criação de Deus. Uma sociedade ecologicamente sustentável é responsabilidade de todos. O fato de sabermos que Deus nos confia tão grande privilégio que é zelar por sua boa criação, deveria nos inspirar a encontrar os meios necessários para fazer um mundo melhor e mais justo para todos, a começar pelo jardim onde fomos colocados para compartilhar a vida com as pessoas e toda uma variedade de formas de vida.

Referências

BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática: Os Fundamentos da Fé Cristã*. São Paulo: SOCEP, 2001.

BRATT, James D. *Abraham Kuyper: a centennial reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

CARVALHO, Guilherme de. O senhorio de Cristo e a missão da Igreja na cultura: a ideia de soberania e sua aplicação. In: RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel e AMORIM,

³⁸ BRATT, James D. *Abraham Kuyper: a centennial reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 183.

³⁹ BRATT, 1998, p. 166.

Rodolfo. *Fé Cristã e Cultura Contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral*. Viçosa: Ultimato, 2009.

COLSON, Charles & PEARCEY, Nancy. *E Agora Como Vivemos?*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

DOOYEWEERD, Herman. *No Crepúsculo do Pensamento: estudos sobre a pretensa autonomia da razão*. São Paulo: Hagnos, 2010.

FERREIRA, Franklin & MYATT Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MILLER, Darrow L. *Discipulando Nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: FatoÉ Publicações e Harvest Brasil, 2003.

PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ROJAS, Emmanuel Flores. Sobre as vocações em João Calvino (Cultivo, Cultura, Culto). *Tempo e Presença Digital*. JOÃO CALVINO: 500 ANOS! Ano 4 - n. 17, out. de 2009.

Disponível em:

<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=336&cod_boletim=18&tipo=Artigo>. Acesso: 23.11.2013.

ROSA, Wanderley. *O Dualismo na Teologia Cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

SCHAEFFER, Francis. *Poluição e Morte do Homem: a resposta cristã à depressão humana do jardim de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

STOTT, John. *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo: como ser um cristão contemporâneo*. 2 ed. São Paulo: ABU, 1998.

VAN DYKE, Fred; MAHAN, David C.; SELDON, Joseph K.; BRAND, Raymond H. *A Criação Redimida: a base bíblica para a mordomia ecológica*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

WALSH, Brian J. e MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

ZABATIERO, Júlio. *Para Uma Teologia Pública*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012.

[Recebido em: dezembro 2013

Aceito em: abril de 2014]